

# Acopiara - o estrago da crise global

Por JB Serra e Gurgel (\*)

Acopiara está entre os municípios brasileiros que não arrecadam o suficiente para pagar suas contas, mas estas são corretamente fechadas, como fluxo de caixa até positivo, nos termos das exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal.

Percebe-se duas coisas neste enunciado: que os pagamentos dos benefícios previdenciários do INSS e os assistenciais (Benefício de Prestação Continuada) e Bolsa Família, bolsa isto e bolsa aquilo, superam as transferências do Fundo de Participação dos Municípios (União) e do ICMS (Estado). Outra parte da receita municipal é constituída pelos convênios de investimento e custeio da União, para saúde, educação, habitação, transporte, saneamento.

Conclui-se que o regime federativo está fraudado e fadado a desmoronar. O ente municipal encontra-se falido, tal como a General Motors, Ford, Chrysler.

Mas não se vê, neste país, alias, “nunca dante nefe paif” se viu, uma autoridade pública se mover para resolver este problema que é estrutural e dos mais graves.

Qual empresa de qualquer setor, indústria, transformação, comércio, serviço, agricultura que sobreviveu sem que seus donos não bancassem suas contas? Acabamos de ver a implosão da Sadia, um império que até jun de 2008 era padrão de confiança, austeridade e liquidez. Com a crise global virou pó. Inúmeros impérios desabaram no Brasil nos últimos tempos como Matarazzo, Varig, Vasp, Mappim, Mesbla, Transbrasil, Cofap, Indústrias Villares, Bamerindus, Econômico. Não puderam ficar de pé. Desmoronaram-se em cima de suas dívidas..

Um economista de ponta um dia disse que ainda não se inventou a falência de um ente público. Meus pêsames.

A tese vem sendo aperfeiçoada, pois mais de 30% dos estados e 50% dos municípios brasileiros são inviáveis.

O famoso Distrito Federal, Brasília, não arrecada para se manter. O Distrito Federal não supre 20% de suas necessidades, sendo 80% supridas pela União. O custeio da educação, saúde e segurança e todo pago pela União que além disso através do Fundo Constitucional transfere bilhões para investimentos. Um professor do 1º grau em Brasília ganha três vezes que ganha um da cidade do Rio de Janeiro, um médico, quatro vezes, um soldado, cinco, um coronel da PM, três, assim por diante. Isto é porque o dinheiro dá em árvore.

É duro vermos a crise municipal se alastrando, todos os prefeitos com pires na mão, em passeatas e manifestações mensais em Brasília para pedir dinheiro, a bênção ao nosso guia e prometer apoio ao 3º mandato ou ao herdeiro do 2º reinado!

Se existe a ciranda financeira, também existe a ciranda política.

Apesar da baita crise presente na União, nos Estados, DF e Municípios, de alto baixo, em todas as esferas de poder, Executivo, Legislativo e Judiciário, só se pensa no próprio umbigo: quanto vou ganhar?. Primeiro no singular, depois no plural, seja, quanto minha cambada vai ganhar?. Todos acabam ganhando, de forma legal ou ilegal, por cima ou por baixo do pano.

Diz-se em Brasília que de cada 1 real liberado pela União, 20 centavos chegam aos municípios, ficando com os bocões e gueludos (federais e estaduais) os outros 80 centavos. Pode ser.

Diante deste quadro, dá para imaginar como vivem o pacato cidadão numa cidade como Acopiara, em que os horizontes são encurtados pelas serras e serrotes que a cercam.

Que tipo de expectativas, sonhos, esperanças, tem o nosso pessoal em termos de futuro?. Um município com poucas indústrias, com agricultura e pecuária de subsistência, serviços escassos, comércio limitado. Na outra ponta, nossos jovens estão na escola, a vacinação existe, a mortalidade infantil está contida, a sobrevivência das pessoas é elevada, a saúde dá pro gasto, toda semana tem festas, há internet, rádio e televisão. São contrapontos de uma realidade em que os padrões de vida são médios, não há luxo e nem ostentação (nem dos mais abastados) mas em que as condições de crescimento da comunidade estão amarradas. Acopiara está carregada de problemas de toda espécie e os acopiarenses cheios de dívidas.

A propósito, me contaram o seguinte:

Há tempos, um rico turista paulista, destes que se divertem com a nossa miséria coletiva, passou por Acopiara numa Land Rover, destas que fazem a fantasia dos corruptos do regime.

Procurou um hotel, bateu no Acopiara Sheraton, de Zé do Bar e d. Maria, numa tarde de sábado. Pediu a melhor suíte e colocou na mesa da recepção (caixa) cinco notas de 100 reais. Foi lhe entregue a chave da melhor suíte no 3º andar.

Nada disse e nem quis saber..

Conta a lenda, digo lenda pois jamais conversei com o Zé sobre isso, que o Zé pegou as notas e saiu pagando dívidas aos seus fornecedores. O marchante (carne) ficou com 100 e correu para pagar o atacadista, este pegou os 100 e disparou para pagar o frigorífico, este com os mesmos 100 foi pagar ao pecuarista. O mesmo aconteceu com outros 200 transferidos a outros fornecedores de arroz, feijão, verduras, geladeira, freezer, mesas, ar condicionado, etc. operando os repasses subsequentes na cadeia de devedores/credores. O hilário desta estória é que o pecuarista repassou os seus 100 para uma madame de Fortaleza que lhe manda semanalmente lindas garotas de programa...

No outro dia, domingo, o paulista acordou, tomou café e disse que ia embora. Neste momento, o Zé compreendendo que os 500 reais eram muito dinheiro, colocou 200 reais na mão do paulista, que explodiu de contentamento, pois conseguira dormir o sono dos justos. Agradeceu a hospedagem, a cortesia, o atendimento que faz do Acopiara Sheraton o melhor hotel do território do Alto Salgado.

Moral da estória: não houve neste movimento de dinheiro qualquer lucro ou valor acrescido. Todos liquidaram suas dívidas. Talvez seja por isso que os acopiarenses encaram com otimismo o futuro. Vida que segue.

JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor.